

## Beira Baixa:

### MALJOGA UMA ALDEIA EXEMPLAR

«Em Lisboa ninguém se importa que chova ou não. Até houve um que me disse que preferia que não chovesse, para poder ir à praia. Esquecem-se de que é a terra que dá tudo» – assim nos falou o sr. Acácio, um rijo homem de 70 anos, habitante de Maljoga, uma aldeia da Beira Baixa. E lá tem as suas razões.

Não será totalmente assim: na cidade, ainda há muito quem se preocupe com as colheitas e com a vida dos camponeses. Sobretudo os que passam mal e são obrigados a pagar a peso de ouro aquilo que a terra dá. Esses são irmãos da gente do campo. Irmãos no trabalho. Irmãos na dificuldade em arranjar o pão para a boca. Mas o sr. Acácio continua a ter razão.

Na sua aldeia, o povo foi muito longe. Aproveitando a força das águas da ribeira, conseguiu ter, à custa do seu próprio esforço, aquilo que sempre lhe tinham negado: a electricidade.

o exemplo criador do Povo de Maljoga frutificou já:

*Até veio gente da Beira Alta. Porém, a maioria não utilizou água, mas sim motores ... Nós também usamos motor, quando a ribeira não leva água só que fica muito caro»* - comenta o sr. Acácio.

Ele tem mesmo razão. O engenho lá está, para lha dar.

É o sr. José Cardoso, pequeno comerciante de Maljoga, quem começa por nos contar:

*«Primeiro, o Povo da aldeia juntou-se, para fazer uma capela; Isto foi em 1957. Mais tarde, em 1960, fizemos uma sociedade, para arranjar a luz eléctrica».*

E logo acrescenta o sr. Acácio:

*«Quem teve a ideia da electricidade foi o meu filho, Alberto. Foi ele, que tinha muito jeito para a mecânica, quem fez os planos: uma roda, que a água da ribeira empurra, faz andar os carretos estes desmultiplicam a velocidade, até 1500 rotações por minuto».*

Novamente o sr. José Cardoso:

*«Fomos falar com um serralheiro, o Coelbo, a Ferreira do Zêzere. Ele disse-nos: «Os carretos de ferro fundido não aguentam essa velocidade. Eu vou fazer uns de lagartas de carros de combate velhos. Se isso não andar, metam-me dentro do caixote que trouxe o S. José para a capela». Mas não foi preciso meter ninguém dentro do caixote – ri-se. Gastámos 100 contos nisto; simplesmente, em 1964, cá tínhamos a «tchanga-tchanga» (nome carinhoso que dão ao engenho).*

*«Fizemos uma festa rija – lembra, entusiasmado – e até veio o presidente da Câmara da Sertã, que tinha dito que o engenho não dava nada ... »*

Interrompe, então, o sr. Acácio, com a sua filosofia, de experiência feita:

*«O presidente da Câmara queria, depois, que pagássemos imposto!... Nós juntámo-nos e fomos lá protestar. Se ninguém nos tinha ajudado, como é que queriam que pagássemos imposto?»*



Quantos Srs. Acácio e José Cardoso não existirão, Ignorados, pelas aldeias de Portugal?

Perguntámos como resolviam o problema da água:

«Abrimos três minas, para termos água em casa – respondeu-nos o Sr. José. Agora, estamos a pensar em abrir uma levada. Assim, melhorávamos a electricidade, pois havia mais água para o engenho. Só que ninguém nos ajuda... Calcule que a electricidade, da outra, sem termos de nos «desenrascar» a nós próprios, está a três quilómetros daqui... Veja lá o senhor se nos arranja uma escola: as nossas crianças têm, muitas vezes, que andar três quilómetros, para terem instrução ...»

Já se fazia tarde e fomos, com o sr. Acácio, até à ribeira. Notámos que possuía a agilidade de um jovem.

«Os ares aqui são bons - explica-nos. Lá em Lisboa, na Baixa há dias em que a gente mete o ar cá para dentro e não se sente bem».

Abrimos a; água para o engenho, desviando-a da ribeira, para onde corre durante o dia. Quando o fizemos, a grande roda começou a girar. Subitamente, uma luz acendeu-se. Brilhou o rosto do velhote. Sim, aquela maravilha era obra sua e da sua gente.

Naquele vale, entre montes, o génio e a força de vontade populares levaram a cabo uma obra que nos encheu, a nós, de admiração. Portugal precisa de muitas mais Maljogas.

---

## TECNOLOGIA DE ALDEIA E ETNOGRAFIA PORTUGUESA

A tecnologia de aldeia bebe em duas fontes: por um lado, as técnicas modernas susceptíveis de adaptar-se ao espírito da tecnologia intermédia; por outro lado, o acervo de tradições da cultura popular.

Um guia precioso, no caso português, para a abordagem do acervo tecnológico tradicional, é a BIBLIOGRAFIA ANALÍTICA DE ETNOGRAFIA PORTUGUESA, da autoria de Benjamim Enes Pereira, editada pela Imprensa Nacional e pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular Lisboa, 1965). As suas 670 páginas inventariam praticamente tudo o que se publicou sobre o assunto, até 1960-61. O preço acessível (80\$00 em 1975) permitem torná-lo um *vademecum* de todo o interessado na cultura tradicional portuguesa.

As secções que maior interesse apresentam do ponto de vista da tecnologia de aldeia são a de ERGOLOGIA, com referências às casas de habitação, anexos de exploração rural e espigueiros; sistemas de construção; objectos e alfaias, compreendendo mobiliário, utensilagem doméstica, iluminação, alfaias agrícolas; transportes, terrestres, aquáticos e humanos; e de TECNOLOGIA E ECONOMIA, com referências à indústria têxtil, olaria, moagem, cestaria, pirotecnia, bordados e rendas, lacticínios, e à agricultura do milho, trigo, linho, vinho, azeite, sistemas de rega e de debulha, processos e redes de pesca; e a de CIÊNCIA POPULAR, incluindo a medicina e a meteorologia.

Uma sugestão: o leitor mune-se da sua Bibliografia Analítica, de um gravador ou câmara fotográfica, ou lápis e papel, e procura localizar e descrever aspectos ainda vivos da nossa tecnologia popular, vendo até que ponto seria possível, com o auxílio de técnicas recentes, transformá-los em *técnicas de aldeia*, no sentido em que são definidas neste Caderno, e proporcionar-lhes assim um novo futuro. Ficariámos felizes em poder vir a publicar apontamentos desse género que os leitores quisessem enviar-nos.

---

Extraído de: “Tecnologia de Aldeia, Tecnologia do Futuro”, Antologia organizada por José Carlos Marques. Afrontamento, apartado 532. Porto. 1977

O Artigo “Maljoga uma aldeia exemplar na Beira Baixa” foi publicado no único número editado do jornal “Voz Activa” da Direcção Geral de Educação Permanente, quando este departamento era dirigido pelo Dr. Alberto Melo, sendo ministro da Educação o major Vítor Alves. A equipa que realizou o jornal foi coordenada por Vítor Quelhas.

---

Para ver o vídeo [Aprendendo com um movimento de pés-descalços](#) e descobrir o sucesso desta filosofia na Índia e em África, clique [aqui](#).